

Segue o fio

2004

Olício Prusch Schwarstzhaupt é escolhido para suceder Dulce no cargo de presidente da ASTTI.



Olício Prusch

2008

A associação passa a operar no novo prédio administrativo, construído na entrada da sede do Beco Souza Costa.

2009

Após Olício permanecer duas gestões, Paulo Rui Pereira é conduzido à Presidência da associação.

Capítulo 7

O duro reinício

A ASTTI nasceu com a urgência de se manter viva. E foi preciso muito esforço e uma radical mudança de rumos para que ela superasse o seu momento mais crítico.

Velho amigo

A ASTTI contou com o auxílio de um velho conhecido em seus primeiros anos. Saturnino Manoel da Rosa teve uma atuação importante nesse processo de remontagem. “Era uma época que ninguém queria ouvir falar em nada relacionado à CRT. Mas ele ajudou a trazer muitos sócios que haviam se aposentado”, explica Olício. Com seu carisma e facilidade de relacionamento, Mestre Saturno tornou-se um elo entre a AACRT e a nova associação.

O apagar das luzes

Renato desliga o interruptor e, pela última vez, gira a chave na fechadura do antigo casarão da rua Ramiro D’ávila, enquanto a tarde de outubro de 2003 cai melancólica na Azenha. Coube a ele e a Dulce a missão de se despedir da sede administrativa. Choraram juntos às memórias e às vitórias, choraram juntos às dores de um processo que lhes dilacerava a alma, mas representava o passaporte para manter um ideal vivo.

A ASTTI não herdou apenas os valores de fraternidade e integridade da AECRT. O pacote também incluía as dificuldades estabelecidas a partir da privatização. A principal delas eram os custos de manutenção do patrimônio. Não bastava tão somente mudar o nome. Antes de voltar a pensar em captar novos sócios, a entidade precisava encontrar meios de lidar com a sua estrutura. E ela havia se tornado grandiosa demais naquele momento.

O caixa da associação estava em frangalhos – e a recuperação não se anunciava fácil nem rápida. As sedes administrativa e campestre, além do camping de Magistério, geravam um custo ordinário impossível de ser absorvido. Além disso, a ASTTI ainda precisava quitar as últimas parcelas da dívida contraída junto à Fundação CRT.

O movimento diário da associação havia diminuído. Era possível enxugar a parte administrativa. Mas o reposicionamento da associação dependeria, sobretudo, de uma estrutura de entretenimento capaz de atrair frequentadores. A saída, assim, foi vender a casa da rua Ramiro D’ávila e concentrar as atividades no Beco Souza Costa.

A Azenha é um bairro quase central de Porto Alegre, servido por inúmeras linhas de ônibus e lotação. Já o Jardim Ypu, onde está a sede campestre, fica mais retirado, na Zona Leste. Não havia problemas

“O fim da CRT tirou o nosso alicerce. Tivemos de começar tudo de novo”

Olício Prusch, atual diretor financeiro da ASTTI.

em acessá-lo esporadicamente, em eventos ou nos fins de semana. Levar a rotina da associação para lá, no entanto, geraria alguns entraves. “As pessoas reclamaram, em razão da distância. Poderia ser ruim até para os funcionários. Mas era a solução”, lembra Olício Prusch, que atuava como diretor financeiro na gestão de Dulce Gonçalves.

E assim a sede campestre, erguida pelos funcionários, tornou-se o refúgio para aquele grupo de apátridas que insistiam em sonhar juntos. “Temos a mania de ser diferentes aqui no Rio Grande do Sul. Enquanto as sedes das associações vinculadas ao sistema Telebrás eram patrimônio da própria empresa, nós fizemos um clube independente, viabilizado pelos colegas”, ressalta Delcio. Se não tivesse sido dessa maneira, a história da entidade fatalmente se encerraria junto com a da CRT.

A ASTTI mostrava que, de alguma forma, a Família CRT decidira não sucumbir ao processo de desmanche da companhia. Ainda assim, esse vendaval dizimara o quadro de sócios, a receita, a marca, a própria estrutura física, a sanidade e a vida de muitos colegas. E levava também Dulce Gonçalves. Em 2004, após 17 anos de dedicação, ela decidiu se afastar. “Envelheci muitos anos na fase da privatização.

Negócios de família

O trauma da venda da sede da Ramiro D'Ávila foi abrandado em razão do comprador. A casa foi vendida para a AACRT. Com as demissões em massa e a queda da receita, a associação tornou-se deficitária. A dívida com a Fundação CRT, porém, seguia ativa. Faltavam 12 prestações de R\$ 12 mil. Mas não havia dinheiro.

A saída foi buscar uma parceria com a AACRT. “Conversei com o Roberto Bossle, que era o presidente à época, e ficou acertado que eles quitariam as parcelas. Em troca, nós repassamos a casa da Ramiro D'Ávila”, explica Olício. O imóvel foi vendido por R\$ 350 mil.

Assim, além de encerrar o financiamento, a ASTTI conseguiu um respiro no caixa para os seus primeiros anos. “É como se tivéssemos vendido para nós mesmos. Então, ficou tudo em casa”, diz Renato. A AACRT, aliás, continua instalada no mesmo local até hoje.



Refúgio: a sede
campestre no início
dos anos 2000.

Alívio geral

A quitação do financiamento da sede campestre junto à Fundação CRT ocorreu em dezembro de 2003. Um dos primeiros atos de Dulce após a assinatura do documento foi telefonar para o ex-diretor financeiro Mauro Guterres, que estava trabalhando em Brasília. “Ela e Sinval ligaram para me comunicar. Aquela decisão difícil que havíamos tomado lá atrás tinha sido acertada. Foi um momento de muita alegria”, lembra. “Também comemoramos porque acabava ali qualquer chance de sermos presos”, brinca Mauro.

Mas consegui entregar a associação com a dívida paga”, reconhece. O bastão foi passado para as mãos de Olício Prusch. Seria ele o responsável por iniciar a difícil fase de remontagem da entidade.

Debaixo da marquise

A transferência da ASTTI para a sede campestre exigiu uma série de adaptações. Isso porque não havia um prédio capaz de comportar a loja, as salas da Diretoria e os departamentos administrativos. Tanto o galpão crioulo quanto os demais espaços para eventos deveriam ser preservados como fontes de renda. Ocupá-los, portanto, não era uma opção. O caminho foi acomodar a parte gerencial no ginásio de esportes.

As salas localizadas sob os lances de arquibancadas passaram por reformas e foram divididas. Uma parte ficou dedicada à Diretoria e ao Conselho. A outra recebeu as seções administrativas e a loja. Ali, em meio às dificuldades e ao imprevisto, a ASTTI voltou a sonhar. O primeiro plano dessa nova etapa foi justamente buscar um espaço para receber o setor gerencial. Isso não seria encontrado fora, mas dentro da própria sede.

O projeto do prédio administrativo passou a guiar a associação a partir de 2005. A área escolhida, à direita da entrada, foi demarcada com murais que apresentavam imagens de como seria a estrutura. O desenho também incluía um novo pórtico. “As pessoas não acreditavam naquilo. Achavam que era uma brincadeira”, lembra Olício. Mas, aos poucos, a ideia começou a sair do papel. E essa materialização só foi possível em razão de uma mudança estratégica que a entidade realizou.

Em 2002, o estatuto foi alterado e passou a contar com a categoria de sócio contribuinte. A modalidade não prevê o direito de votar ou ser votado para cargos diretivos da entidade. Os Associados, entretanto, podem frequentar a estrutura, locar os salões de festa e participar das atividades esportivas e sociais. Além disso, têm acesso ao plano de saúde, com preços bastante atrativos.

“Olício é um guerreiro. A gente deve agradecer a ele pela ASTTI estar como está hoje. Ele reergueu a entidade.”

Ivo Pinheiro, diretor social da ASTTI

Triangulação vital

Outra dobradinha importante entre a ASTTI e a AACRT foi a administração do plano de saúde. A Unimed era a provedora desse benefício aos funcionários da companhia. Quando a Brasil Telecom assumiu, a fornecedora passou a ser a Bradesco Seguros. Para que o contrato anterior não fosse perdido, as direções da AACRT e da ASTTI negociaram um modelo de transição junto à empresa.

O vínculo com a Unimed foi dividido entre as duas entidades. A AACRT passou a gerenciar o plano de saúde voltado para os aposentados. Ou seja, quem quisesse manter a cobertura, precisava se associar à entidade. O mesmo aconteceu com a ASTTI no caso dos funcionários da ativa. A administração do plano de saúde garantiu uma nova fonte de faturamento. Além disso, tornou-se um dos principais atrativos da ASTTI para a captação de novos sócios.



Magistério: venda foi providencial para o recomeço da ASTTI.

Retalho lucrativo

Em 2004, a ASTTI também precisou se desfazer do camping de Magistério. A estrutura passava a maior parte do tempo ociosa e gerava custos fixos de manutenção, além dos impostos. O negócio foi realizado junto a uma imobiliária local. A ideia era vender o terreno todo, que ocupava uma quadra inteira, por R\$ 150 mil. A princípio, tudo correria bem. “Não demorou para aparecer um comprador interessado”, conta Paulo Rui Pereira, presidente da ASTTI entre 2009 e 2011. “O problema é que ele começou a barganhar, pois sabia que precisávamos do dinheiro.”

A primeira oferta, aceita pela ASTTI, foi de R\$ 150 mil. Na hora de fechar o negócio, porém, o interessado reviu a sua posição e ofereceu menos. Isso aconteceu repetidas vezes. A cada nova contraproposta, a Direção precisava requerer a anuência do Conselho Deliberativo para fechar o negócio. O processo, assim, foi se tornando angustiante. Até que a última pedida chegou a R\$ 80 mil. Era um valor muito baixo, quase metade da avaliação inicial.

A corretora, então, sugeriu que o terreno fosse fracionado em 20 partes. Cada lote seria vendido por R\$ 8 mil. Parecia uma operação complicada, mas deu certo. Todas as unidades foram comercializadas. A ASTTI faturou R\$ 160 mil, parcelados ao longo de vários meses. “Esse dinheiro, mesmo entrando aos poucos, foi importante para nos ajudar com as despesas”, conta Olício.

A alteração deu início a um processo de reposicionamento da ASTTI. Aos poucos, a marca deixava de figurar como representante de uma categoria para consolidar-se como um clube social. A abrangência do público-alvo se expandia para profissionais de outros segmentos e moradores dos bairros vizinhos. Era mais um salto rumo à retomada do crescimento.

Olho nos grandes

A ASTTI, nesse sentido, iniciou um planejamento para oferecer maiores benefícios aos Associados. O movimento incluiu convênios com empresas, visando à remontagem de uma rede de descontos que chegou a contar com 500 opções em 2002. Também houve uma preocupação em buscar referências de atendimento qualificado. Clubes tradicionais da cidade, como Sogipa e Grêmio Náutico União, tornaram-se um modelo a ser seguido. Comandada por Olício, a Direção visitou as sedes dessas entidades para colher exemplos de boas práticas.

Em 2007, a construção da nova portaria e do prédio administrativo já estava em fase adiantada. A obra era conduzida por um trabalho minucioso de gestão de custos, com orçamentos seguidos à risca e uma pesquisa intensa pelas melhores opções de materiais. “Renato, eu e o Paulo Rui ficamos à frente dessa parte de compra do material, buscando as melhores condições”, conta Brandão, que era o diretor de patrimônio à época.

O novo prédio administrativo foi entregue em abril de 2008, tornando-se um marco na história da ASTTI. “As pessoas viram que



Crescimento: o prédio administrativo deu início a uma nova fase da ASTTI.

valia a pena continuar valorizando o patrimônio. Muitos aposentados da AACRT voltaram a se associar em grande número”, diz Olício. O aumento da estrutura delimitou o fim de uma travessia complexa para a associação. A fase árdua de sobrevivência havia, definitivamente, ficado para trás. Os tempos de penúria e incerteza tinham sido superados. Agora, era hora de iniciar um novo ciclo da entidade. E a modernidade exigia algumas adaptações.

Gratidão eterna

As dores do processo de desmanche da CRT e do desaparecimento da associação dos funcionários jamais serão esquecidas. Apesar disso, a ASTTI conseguiu manter unidos muitos laços de amizade nascidos na companhia. E poucas pessoas podem falar tão bem desses valores fraternos quanto Paulo Rui Pereira.

Em 13 de agosto de 1987, um grave acidente congestionou o trânsito próximo à esquina entre a rua Tenente Ary Tarragô e a avenida Protásio Alves, na Zona Norte de Porto Alegre. A Kombi que conduzia um grupo de funcionários da CRT colidiu com um caminhão. Paulo Rui ficou preso nas ferragens. Teve as duas pernas quebradas, a esquerda com fratura exposta. Uma infecção piorou o seu quadro durante a internação no Pronto Socorro. “Estive na iminência de ter a perna amputada”, lembra. A cirurgia só não foi realizada porque os amigos da CRT não deixaram.

Colega de Paulo Rui, Ivo Pinheiro foi visitá-lo no Hospital Parque Belém. “O senhor é da CRT? Parece que vão tirar a perna de um funcionário amanhã”, disse o taxista que o conduzia. O próprio médico da companhia havia autorizado a amputação. Ao retornar ao Centro de Treinamento, Ivo avisou os demais funcionários. “Eles ficaram apavorados e arrumaram uma vaga no Hospital Mãe de Deus. Chegaram a alugar uma ambulância para me conduzir”, conta Paulo.

A AECRT foi acionada e ajudou nos custos. Primeiro, adiantou a caução exigida pelo hospital. Depois, organizou rifas e jantares para

Foco no conforto

As melhorias estruturais da ASTI nas duas gestões de Olício Prusch, entre 2004 e 2009, não se resumiram ao prédio administrativo. Diversas obras ocorreram nessa fase, ajudando a elevar a qualidade do serviço oferecido aos Associados. Um exemplo disso foi a instalação de placas de aquecimento solar para abastecer o ginásio de esportes.

Outra inovação foi a utilização de um cartão magnético para controlar a entrada de sócios, otimizando o fluxo do acesso à sede e diminuindo a evasão de receita. A remodelação do quiosque coletivo, a construção dos vestiários para as piscinas e a obra do Recanto Gaudério também aconteceram nesse período.



recolher o dinheiro necessário ao tratamento. Paulo Rui ficou 60 dias internado e cinco anos afastado do trabalho. Nesse período, realizou 12 cirurgias. Precisou tomar empréstimos e sacar o fundo de garantia para arcar com as despesas e ressarcir a associação. Apesar das sequelas, ele caminha até hoje com as duas pernas. “O meu vínculo com a associação começou assim, em razão desses amigos que tanto me ajudaram”, diz. E esse não foi o único episódio em que a Família CRT abraçou Paulo Rui Pereira.

Em 1993, o seu filho mais novo foi diagnosticado com leucemia. Marcelo tinha 7 anos e precisou se submeter a 20 meses de um tratamento desgastante. Os resultados pareciam positivos, mas a doença não cedeu. A solução seria um transplante de medula. E o único doador compatível morava na Inglaterra. O tratamento custaria 75 mil libras, 120 mil reais à época (440 mil reais pelo câmbio de março de 2020). Outra vez, a AECRT entrou em cena.

A associação organizou uma grande campanha de doações, com eventos, quiosques de arrecadação em estádios de futebol e divulgação em *outdoors* e televisão. Em dois meses, o mutirão reuniu R\$ 152 mil. Mais do que o necessário para a viagem ao país europeu. A operação de Marcelo foi realizada em julho de 1995. Ele acabou tendo complicações decorrentes do processo de transplante e faleceu em dezembro daquele ano. “Mas meu filho só chegou até lá pelo apoio dos amigos da associação. Então, sou muito grato”, reconhece Paulo Rui. O episódio o aproximou ainda mais da entidade.

Choque com caminhão fere funcionários da CRT



Paulo Rui Pereira, um dos mais atingidos no acidente.

Os funcionários da companhia, que participavam de um curso de telecomunicações, foram envolvidos em um violento acidente, na avenida Protaíso Alves. O veículo da empresa, uma Kombi, colidiu com um caminhão que trafegava em sentido contrário. Apesar das tentativas que o motorista fez para tentar evitar o choque, este foi violento, tendo a dianteira do veículo encostado no banco da frente. Houve, inclusive, uma certa dificuldade em retirar os ocupantes que estavam na parte da frente.

Paulo Rui Pereira e Mário Sampaio dos Santos tiveram graves fraturas e seus estados, ainda, inspiram cuidados.
PAGINA CENTRAL

Solidariedade: o acidente com Paulo Rui mobilizou a associação.

A nova visão

Depois de passar pelo Conselho Deliberativo e tornar-se diretor financeiro na gestão de Olício Prusch, Paulo Rui Pereira foi escolhido para assumir a Presidência da ASTTI em 2009. Ele deu continuidade ao trabalho de reestruturação iniciado nos anos anteriores. Mas os

seus desafios iam além. A associação estava prestes a completar 30 anos. E o fechamento desse ciclo motivou algumas reavaliações.

A tecnologia e a ultravelocidade da web já ditavam o ritmo do mundo, impondo uma readequação da entidade. Era preciso modernizar a ASTTI e encará-la como uma empresa. A transformação, assim, deveria ocorrer em âmbito gerencial. “Éramos um clube, não pertencíamos mais aos funcionários. Precisávamos colocar mais profissionalismo na nossa rotina”, explica Paulo Rui. “Além da boa vontade, quem se envolve com a associação deve ter as ferramentas certas para conduzi-la.”

Uma das primeiras ações pensadas nesse sentido foi a realização de um seminário para elaboração de um Planejamento Estratégico. “Enquanto empresa, carecíamos de uma visão. Vento nenhum ajuda se você não sabe para onde vai”, diz Paulo Rui. O encontro, sediado em Salvador do Sul, aconteceu em 2011 e foi ministrado por consultores especializados no tema. Ao longo de três dias, o futuro da ASTTI começou a ser traçado. Outros seminários se repetiram dali em diante, servindo como bússolas para apontar os caminhos e o crescimento da associação.

O movimento de profissionalização iniciado ali seria a principal marca da década seguinte. As mudanças começaram por um dos principais ativos da entidade. O contrato do plano de saúde, à época, ainda não era regulamentado. Ou seja, não estava em conformidade com as resoluções mais recentes que regem esse setor. A ASTTI, dessa forma, buscou reformular o vínculo junto à Unimed. O alinhamento à legislação abriu novas possibilidades de cobertura, ampliando o leque de serviços incluídos nas diferentes modalidades. A melhoria aumentou os benefícios oferecidos ao quadro social, estimulando a captação de frequentadores.

Sem fio

Em 2011, a ASTTI instalou o primeiro sistema de conexão Wi-Fi na sede do Beco Souza Costa. Outra melhoria ocorrida nesse período foi a reforma do Salão da Bocha.



Paulo Rui Pereira

Com a força do grupo

A área social também ganhou um novo impulso na gestão de Paulo Rui Pereira. Isso se deu a partir da organização da festa de 30 anos da entidade, realizada em janeiro de 2010. O responsável por conduzir o projeto foi Ivo Pinheiro. “O Paulo me convidou e disse que precisávamos melhorar essa parte dos eventos”, conta. Nos últimos anos, o foco da associação estava em sobreviver e ampliar a estrutura e os serviços. As ações e festividades internas continuavam acontecendo, mas com uma adesão menor do que nos tempos da AECRT.

Uma comenda, liderada por Ivo, foi montada para repensar os eventos. O DTG, os antigos amigos da pesca e diversos outros grupos foram convocados para as reuniões de planejamento. Havia certa descrença quanto ao sucesso da iniciativa. “Diziam que não daria 200 pessoas na festa, porque o pessoal não estava comparecendo”, lembra Ivo. A estratégia para mudar o cenário incluiu investimentos de mídia e a melhoria das atrações.

Animação: a tradição das grandes festas seguiu viva na ASTTI.





O buffet e a decoração, por exemplo, ficaram a cargo do grupo de sócios que se engajou na ação. “Eram pessoas que não sabiam nada sobre ornamentação ou cozinha. Mas meteram a mão”, afirma Ivo. A união de forças, na melhor tradição da Família CRT, deu resultado. O salão do Clube Farrapos, em Porto Alegre, recebeu 600 pessoas para comemorar três décadas de existência da associação. A experiência bem-sucedida empolgou muitos participantes. Alguns deles pediram para se envolver em eventos futuros. Ali nascia o Grupo de Eventos da ASTTI.

Esse núcleo, até hoje comandado por Ivo Pinheiro, está à frente da organização das festividades da associação. O *know-how* adquirido pelo grupo ao longo dos últimos dez anos faz com que a ASTTI dispense a contratação de empresas terceirizadas na maior parte de seus eventos. “Não adianta gastar dinheiro com pessoas de fora. Ninguém vai fazer melhor do que a gente, pois temos um vínculo afetivo com a associação”, defende Ivo. “Sempre faço questão de valorizá-los e mostrar o mérito da equipe.”

União: grupo de amigos garante a qualidade dos eventos.



Bastão: Olício conduziu a ASTTI na difícil travessia dos primeiros anos.



Bambas da Orgia: o samba sempre esteve presente nas festas da associação.



*Ivo e Olício:
amizade de
longa data.*



*Mão na massa: sorrisos e sabores
na cozinha da ASTTI.*



*Pantanal: o grupo de
pesca desbravou águas
longínquas.*



Assado: o acampamento farroupilha seguiu firme na nova fase da entidade.

Companheirismo: os amigos da bocha reunidos na quadra da ASTTI.



Disputa: futebol de areia na Semana das Comunicações de 2005.



Sempre alerta: o escotismo também encontra espaço na associação.





Apoio: crianças do projeto social Vó Chica, auxiliado pela ASTTI.



Sem distinção: time de futsal feminino com o logotipo da antiga AECRT.